

Sem saída para gordinhos e gordinhas felizes

Neste artigo queremos chamar a atenção para uma rede de inteligibilidade sobre o ser gordo, que opera nas sociedades ocidentais contemporâneas como um ?dispositivo da magreza?.

A preocupação com as pessoas gordas transformou-se hoje em verdadeira obsessão. Basta ligar a televisão, abrir um jornal, uma revista, um livro para encontrarmos ensinamentos, regras, normas e conceitos acerca do corpo saudável, em diametral oposição ao obeso. Se circularmos por locais variados como academias de ginástica, bares de faculdade, grupos de bate-papo, círculos de amigos, etc., observaremos que o tema também ocupa um lugar de destaque não apenas nas conversas, mas na materialidade dos corpos, nos impressos das roupas, nos cartazes de propaganda, nas imagens de outdoors...

Nesse artigo queremos chamar a atenção para uma rede de inteligibilidade sobre o ser gordo, que opera nas sociedades ocidentais contemporâneas como um ?dispositivo da magreza?. Nos referimos ao ser gordo porque entendemos que está em jogo não apenas o corpo gordo, e sim, uma formação discursiva que, para além de referir-se apenas ao corpo, também abarca um modo de vermos e pensarmos a ?alma? desses sujeitos.

Lançando mão do conceito de dispositivo de Michel Foucault, podemos dizer que há uma ?rede de inteligibilidade? acerca do sujeito gordo, que isola o gordo como um problema e o institui em oposição a um sujeito ?normal?, saudável e desejável ? o magro. O dispositivo opera, assim, contra o gordo, e tem como finalidade a prevenção e a modelagem das pessoas em função do menor risco (já que se pode evitar a gordura através do comportamento das pessoas) e do maior ganho social (uma vez que a obesidade onera as redes públicas de saúde com internações, remédios, consultas e cirurgias).

Como a mídia é parte importante disso que chamamos de dispositivo da magreza, analisamos dois programas da Rede Globo de Televisão sobre o assunto. Um deles, do canal aberto, intitulado Desnutrição e Obesidade, foi apresentado no Globo Repórter, em 2003, e indica a infância como o período no qual se deve adquirir uma boa educação alimentar para não haver risco de gordura em excesso. Mostra a responsabilidade da família e da escola e as conseqüências negativas do ?engordar?. O segundo, intitulado Obesidade, fumo e álcool, foi ao ar no Almanaque, do canal GloboNews, em Maio de 2004. Além das questões anteriores, explora o quanto a obesidade é uma doença que pode ser prevenida, desde que haja boas políticas de reeducação alimentar direcionadas à infância. Vivenciamos hoje, segundo tais programas, uma epidemia da obesidade que pode ocasionar hipertensão, doenças cardiovasculares e diabetes.

Mais grave, contudo, parece ser o modo como a fronteira entre alguns quilos a mais e obesidade vêm se diluindo, originando um controle normativo, no qual o corpo magro representa um aperfeiçoamento, uma evolução. Acabamos atribuindo ao corpo gordo os adjetivos de feio e doente, e valorizamos exageradamente o corpo magro e modelado, tornando-o símbolo de beleza, saúde e felicidade. Essa constante celebração do corpo magro como modelo, vem incentivando condutas em que a busca da magreza implica sacrifícios e cuidados cada vez mais obsessivos, especialmente entre meninas e jovens. Cada vez mais cedo eles fazem dieta, freqüentam academias e submetem-se a cirurgias e tratamentos de risco.

Fortalecidas por discursos biomédicos, estéticos, psicológicos e pedagógicos, as reportagens analisadas indicam que as crianças se tornam cada vez mais o foco de controles alimentares, já que ?prevenir é melhor que remediar?. Assim, o governo do corpo está na ordem do dia.

No limite, tais representações acabam criando tanta ojeriza ao corpo gordo, que freqüentemente vemos adolescentes acometidos de bulimia e anorexia, numa exaltação e total submissão ao império da magreza. Em um dos programas analisados, é visível a obsessão pela magreza na fala de uma jovem de 19 anos com diagnóstico de bulimia: ?Quando me olhava no espelho, eu achava que estava muito magra, que estava muito feia, mas eu tinha medo de engordar!?

É importante observar, também, o quanto o controle dos corpos atrela-se a uma rede de consumo, a qual aderimos na busca do dito corpo perfeito. A indústria dos cosméticos, a da cirurgia plástica, a farmacêutica, os produtos light e diet, as academias, compõem um aparato de espaços, produtos e intervenções sobre o corpo, a fim de controlá-lo, moldá-lo e mantê-lo sob a ordem do império da beleza.

Autores como Nietzsche e Foucault já apontavam para a necessidade de desnaturalizar aquilo que tomamos como verdades universais, atentando para seu caráter histórico. É nesse sentido que podemos entender beleza e saúde como construções históricas. Basta lembrarmos que, há algumas décadas, o próprio corpo gordo, hoje tão temido, era considerado saudável e desejável.

Os pensamentos, sentimentos e ações que temos em relação ao ser gordo não são naturais, mas sim, frutos da operacionalização de um dispositivo da magreza – essa rede de inteligibilidade que nos subjetiva e nos organiza de uma determinada forma. A repulsa e a reprovação que sentimos face ao ser gordo são resultados desse dispositivo, que opera não apenas sobre os corpos, mas se estende até a ?alma?, já que estes sujeitos não são considerados apenas gordos, mas preguiçosos, desleixados e sem autocontrole.

Se outrora a gordura era vista como símbolo de prosperidade, de beleza e de saúde, hoje ela é amplamente bombardeada e fixada no terreno da anormalidade. Parece que não há saída para gordinhos e gordinhas felizes!